

ÉTICA E FILOSOFIA NA POÉTICA DE GUIMARÃES ROSA

ETHIC AND PHILOSOPHY IN GUIMARÃES ROSA'S POETIC

*Arthur Carvalho Moraes*¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar parâmetros éticos atuais a partir de uma aproximação entre a filosofia e a literatura. Para isso, analisa o conto “Campo Geral” de Guimarães Rosa à luz do pensamento ontológico de Martin Heidegger e da hermenêutica de Paul Ricoeur. A partir da proposta heideggeriana de recuperar uma ética originária, vê-se que o personagem Miguilim da narrativa de Guimarães Rosa se encontra jogado na facticidade da existência, de onde (re)faz sua ação *a posteriori* e desde dentro, pelo desejo e pelo cuidado do Ser. Por sua vez, por intermédio da Hermenêutica de Ricoeur, reconhece-se a criação de uma forte empatia entre Miguilim e o leitor do conto, que se vê transportado para dentro do texto, com sua imaginação e seus campos sensoriais fecundados, e de onde é devolvido à realidade factual com novos significados à sua ação e sua existência. O artigo conclui que, na anfibia entre o Dizer e o Dito, a existência fictícia dos personagens das narrativas ativa a existência real dos leitores, criando-lhes um mundo de possibilidades para sua ação, com referências e desejos inéditos sobre si mesmo, os outros e o mundo.

Palavras-chave: Ética. Existência. Imaginação. Ação.

Abstract: This paper aims to present current ethical standards by doing an approach between philosophy and literature. For doing so, it analyzes Guimarães Rosa's short story “Campo Geral”, in light of Martin Heidegger's Ontology and Paul Ricoeur's Hermeneutics. Taking into account Heidegger's proposal of recovering Original Ethics, it can be seen that Guimarães Rosa's narrative character named Miguilim is thrown into the factuality of existence, from where he (re)does his action *a posteriori* and from inside out, by the wish and care of the Being. In its turn, through Ricoeur's hermeneutics, the creation of strong empathy between Miguilim and the short story readers is recognized. They find themselves thrown into the text, having fertilized their imagination and sensory fields. From there they return to the factual reality with a new meaning for their action and existence. The paper concludes that, between the “Saying” and the “Said” ambiguity, the fictitious existence of the narrative characters activates the reader's real existence, creating a world with possibilities of action, which has new references and wishes about themselves, others and the world itself.

Keywords: Ethic. Existence. Imagination. Action.

¹ Graduado em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE; graduado em Direito pela Universidade Federal do Pará – UFPA; graduando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. E-mail: arthur_moraes@hotmail.com

Introdução

Reconhecemos a nós mesmos através de histórias fictícias de personagens históricas, de personagens de lenda ou de romance; sob esse ponto de vista, a ficção é um vasto campo experiencial para o trabalho sem fim de identificação que perseguimos sobre nós mesmos. (RICOEUR, 1996, p. 179-180)

O Conto “Campo Geral”, de Guimarães Rosa, conta a história do pobre Miguilim, menino de 8 anos criado em Mutúm, interior do sertão mineiro. Entre as diversas situações experimentadas, a narrativa tem seu desfecho no encontro de Miguilim com o Doutôr José Lourenço, de Curvêlo. Descobrendo a miopia do menino e afeiçoando-se a ele, o médico empresta-lhe os primeiros óculos e o convida para ir morar na cidade, onde terá a oportunidade de estudar.

Essa narrativa é rica de simbolismos. A poética, presente na obra desde a preocupação com a fineza da linguagem regional, interpela o leitor a mergulhar dentro da história. Tal efeito faz com que o leitor se afaste, ainda que momentaneamente, de suas representações mentais corriqueiras e seja conduzido a um novo “mundo de possibilidades” para sua ação, uma vez que é enlaçado antes na imaginação que na vontade...

Na verdade, nos percalços e intempéries de sua vida, o relato do pobre menino do Mutúm é fecundo de significações éticas no relacionamento com o mundo e com os outros e autodescoberta de si mesmo. O personagem Miguilim provoca uma grande empatia no leitor, que se descobre também capaz de “colocar óculos” em sua vida ou em mudar de cidade a procura de novas possibilidades para a existência.

Assim, entre a peculiaridade da conduta do personagem e a implicação inspiradora propiciada à vida do leitor, é possível uma aproximação ética nos pensamentos filosóficos da Ontologia de Martin Heidegger e da Hermenêutica de Paul Ricoeur. Todos esses são elementos que parecem muitos fecundos a oferecer parâmetros éticos para o leitor do conto.

1. Partindo de uma ética originária

À luz da filosofia de Heidegger (2012, p. 61), nota-se que Miguilim está *lançado* no mundo, ec-sistindo na morada do Ser, que o provoca a todo instante e o impulsiona a um

movimento de êxodo. A condição humana de Miguilim demonstra que ele não está preso a um conjunto de valores e parâmetros estabelecidos *a priori*, mas que, deixando-se afetar por sua existência (trágica, dramática, imprevisível!), cria e recria seus conceitos *a posteriori*, desde dentro e a partir da ação, onde se faz e se refaz a todo instante.

Pela leitura do texto de Guimarães Rosa, percebe-se que, a um tempo, Miguilim estava em Mutúm, com seus familiares e suas atividades. A outro, arrebatado pela claridade de um novo mundo, lindo e diferente, envereda por um caminho distinto, ao lado do Doutor de Curvêlo. Nesse ponto, vê-se a participação (importantíssima!) de sua Mãe, que, num relance “vai, meu filho” (ROSA, 2001, p. 107), o convence a se jogar na vida, ou a se reconhecer jogado no Ser.

Com razão, a Mãe também é portadora do Ser, uma vez que se encontra mergulhada nesse mesmo *ethos* originário. É desde esse lugar, assim, que seu incentivo possui o condão de provocar o “Ser” de Miguilim a aventurar-se no mundo, acolhendo as chances que a existência lhe oferece. Afinal, o existir é da ordem do inacabado, do qual não escapa sequer a trama da existência em seus contrários. A Mãe é, assim, expressão ética para Miguilim, ou melhor, a existência da Mãe (expressão de seu Ser) já é ética.

Nesse sentido, o Ser – seja da Mãe, de Miguilim, de outros... – convida o homem para uma atitude de cuidado em relação a três direções: a si mesmo, às demais pessoas e ao mundo. O homem é, assim, chamado a ser Pastor do Ser, de modo a restabelecer a verdade do Ser e a garantir que ele se manifeste naquilo que é (HEIDEGGER, 1967, p. 51).

Em uma primeira aproximação à filosofia de Heidegger, observa-se que esse autor argumenta que a tradição filosófica, desde Sócrates, coisificou o Ser, abstraindo o homem em sujeito ou indivíduo, o qual, como que em um sobrevoo, poderia refletir sobre o mundo, a sociedade e si próprio (sua ação).

De fato, o “ser” não pode ser concebido como um ente: *enti non additur aliqua natura* [ao ente não se acrescenta nenhuma natureza]: não se pode determinar o “ser” atribuindo-se-lhe ente (HEIDEGGER, 2012, p. 37, tradução nossa).

De fato, a grandeza da Essência do homem não consiste em ser êle, como “sujeito”, a substância do ente, para, na qualidade de déspota do Ser, fazer com que a entidade (**seiendsein**) do ente se reduza à tão celebrada “objetividade” (HEIDEGGER, 1967, p. 50, grifo do autor).

Na verdade, o homem está enlaçado na facticidade da existência, em que o Ser o povoa por todos os lados, não podendo, portanto, ser um sujeito soberano, abstrato, imparcial, capaz de atribuir significados *a priori* para si e para os outros.

Ao invés, o homem foi “lançado” pelo próprio Ser na Verdade do Ser, a fim de que, ec-sistindo nesse lançamento, guarde a Verdade do Ser; a fim de que, na luz do Ser, o ente apareça como o ente que é. Se e como o ente aparece, se e como Deus e os deuses, a História e a natureza ingressam, se apresentam e se ausentam da clareia do Ser, isso não é o homem quem decide (HEIDEGGER, 1967, p. 50-51).

O Ser é, portanto, acontecer, existir, porvir, pois, enquanto evento, se dá a todo momento (auto-donação). Dessa forma, pode-se arrematar que o Homem, antes de animal racional, é animal existencial. “Como a réplica (**Gegenwurf**) ec-sistente do Ser, o homem é mais do que o **animal rationale** na medida em que êle é menos do que o homem que se apreende e concebe pela subjetividade” (HEIDEGGER, 1967, p. 68, grifo do autor).

A partir desses parâmetros, Heidegger propõe recuperar a essência da ética (leia-se, *essência*), defendendo que seja justamente essa pulsão/plasticidade da existência desde dentro do mundo (condição humana). Na perspectiva da ontologia heideggeriana, reabilita-se, portanto, uma Ética Originária. De um lado, o homem se encontra mergulhado no Ser, devendo cuidar – como já dito – da verdade desse Ser (HEIDEGGER, 1967, p. 51). De outro, deve ser conduzido pelo seu desejo, em um mundo repleto de possibilidades que se lhe descortina, pois, se o Ser é da ordem da existência, é também afecção, disposição afetiva (HEIDEGGER, 2012, p. 188). Na verdade, o *dever* de cuidar da verdade do Ser só se concretiza no *desejar* do homem. Só essa pode ser sua “lei” da ação.

Dessa condição do desejo de ser brotar da própria existência como força mobilizadora, há, para o homem, uma autoconstrução em sua ação (cumprimento de sua existência), a partir do cuidado que deve ter com o próprio Ser e o desejo. Daí a abertura, não somente para a Ética (originária), mas também para a Moral, na filosofia heideggeriana.

Somente na medida em que o homem, ec-sistindo na Verdade do Ser, pertence ao Ser, é que pode provir do próprio Ser a recomendação das prescrições que tornar-se-ão para o homem lei e regra. [...] O **nómos** não é apenas a lei, porém, mais originariamente, a recomendação protegida pelo destinar-se do Ser. Só essa recomendação pode dispor o

homem para o Ser. E somente essa disposição pode trazer e instaurar obrigações (HEIDEGGER, 1967, p. 94-95, grifo do autor).

Voltando para o conto de Guimarães Rosa, vê-se que o personagem Miguilim, em sua existência, mantém uma íntima relação com seu mundo vivido, condição ontológica existencial vivida desde um conjunto de valores, preceitos e normas (Moral). Pode-se deduzir implicitamente que, para esse personagem, não há lei ou juízo de valor, sem se levar em consideração que o Ser, além de se encontrar em tudo, está acontecendo, é tensão entre opostos, luta, drama (HEIDEGGER, 1967, p. 85). Daí que a existência autêntica se decida no seio dessa condição da qual o ser humano como *dasein* não pode retirar-se sem mais, para decidir pelo seu destino.

Se fosse dada por valores estabelecidos *a priori*, a moral de Miguilim (e de sua mãe) não o teria possibilitado que empreendesse viagem junto ao Doutor José Lourenço. Mas como a existência é recheada de suas “surpresas”, que nenhuma razão (demonstrativo-teorética) pode prever¹, a proposta do Doutor de Curvêlo a Miguilim provoca-o, em seus desejos, à ação, à mudança. Daí a necessidade dos valores, existencialmente experimentados e vividos, serem ressignificados à luz da ética originária.

Mais essencial para o homem do que todo e qualquer estabelecimento de regras é encontrar um caminho para a morada na Verdade do Ser. Pois é essa morada que assegura a experiência do que propicia amparo e sustento (HEIDEGGER, 1967, p. 94-95).

A moral é, assim, serva da ética, do *ethos*, em que o homem tem sua morada. A moral deve levar em conta essa sua condição de “constante”, ou seja, de que sempre deve se reformular à luz da “Verdade do Ser”, auscultando-o em sua facticidade, ec-sistência e auto-donação.

2. Da ética originária à hermenêutica

Na Ontologia de Heidegger, além de o Ser ser da ordem da existência, ele revela-se como sendo também da ordem da verbalidade. Isso porque, quando o Ser acontece, ele se diz, se exprime em vários tipos de linguagem, é um Dizer.

¹ Miguilim chega a querer perguntar o porquê de tudo isso para sua mãe. “Mas por que é, então, para que é, que acontece tudo?!” (ROSA, 2001, p. 107).

A linguagem é a casa do Ser. Em sua habitação mora o homem. [...] O Ser é a guarda que resguarda o homem, em sua essência ec-sistente, para a Verdade do Ser a ponto de fazer a ec-sistência habitar (**behausen**) na linguagem. Por isso a linguagem é conjuntamente (**zumal**) a casa do Ser e a habitação da Essência do homem (HEIDEGGER, 1967, p. 24 e 95, grifo do autor).

A linguagem é, assim, mediação originária do Ser. Daí porque ele é generosidade: o Ser não só se manifesta, mas também se diz. Na verdade, enquanto está se revelando, o Ser está se verbalizando. “Clareando-se, o Ser chega à linguagem. Êle está sempre a caminho da linguagem. Assim a linguagem é elevada à clareia do Ser” (HEIDEGGER, 1967, p. 96).

Dessa forma é que se considera que a moral deve ser abordada desde uma perspectiva hermenêutica, isto é, do tipo interpretativa. É a isso que o filósofo Paul Ricoeur (1996, p. 169) se refere quando fala sobre “trazer a experiência para a linguagem”.

Mas, se nem tudo é linguagem, tudo, na experiência, só tem acesso ao *sentido* sob a condição de ser trazido à linguagem. [...] Mesmo se, em um momento, fôssemos levados a fazer da categoria do agir a categoria mais eminente da condição pessoal, o agir propriamente humano se distinguiria do comportamento animal, e, com maior razão ainda, do movimento físico, pelo fato de que ele deve ser dito, isto é, trazido para a linguagem, para ser significante (grifo do autor).

Uma vez que a moral é ancilar da Ética Originária, a primeira deve voltar-se para a existência vivida e falada, e a partir dela “decifrar” as normas e regras para a existência/ação. Vem, pois, sempre depois, *a posteriori*. Mantém-se, desse modo, aberta para reformulações, com vistas a não perder de vista o caráter existencial-axiológico da ética originária.

Com relação especificamente às manifestações do “sentido ético” da vida de Miguilim e do Doutor José Lourenço, é possível perceber similitudes, considerando a abertura que ambos possuem para a sua existência, nos moldes do já explanado acima.

Quanto ao senhor José Lourenço, é descrito como um homem bom, que, apesar de ser doutor, é capaz de se compadecer da humanidade (*humanitas*) do pobre Miguilim, levando-o para a cidade e dando-lhe a oportunidade de estudar e aprender um ofício. O sentido ético da vida do doutor do Curvêlo, isto é, a essência de sua ação, se manifesta na plena realização do Ser, com os outros, no mundo vivido e decidido no agir. Ao levar

Miguilim para viver na cidade, vislumbra-se a configuração de uma existência marcada pelo *cuidado*, categoria tão cara à filosofia de Heidegger e que se refere notadamente ao cuidado de si e ao cuidado dos outros.

Com relação a Miguilim, por sua vez, uma das manifestações do sentido ético de sua vida expressa-se existencialmente no desejo ou na disposição afetiva de se deixar tocar pelo mundo, ao abandonar sua família e lugarejo e ir para a cidade, estudar e trabalhar, com o Doutor de Curvêlo. O jovem Miguilim, auxiliado pela ajuda de sua Mãe, reconhece sua existência jogada no mundo, rodeada por todos os lados pelo Ser, que é esse acontecer, fluidez, contradição.

Percebe-se na trama que Miguilim, de fato, se deixa experimentar pela afecção: se entristece, se intriga, chora, tem dúvida, saudades, medo, mas também coragem, é um menino bom, não revida as piadas das outras crianças, se despede de cada um por vez, até dos cachorros (ROSA, 2001, p. 106-108). Esse deixar-se afetar também tem sentido ético, denota sinceridade, transparência, humildade, coerência...

Em uma análise mais profunda, nota-se ainda que Miguilim também cuida de si, isto é, deixa-se cuidar pelos outros. Sua mãe lhe arruma as roupas, lava-lhe as orelhas, Rosa lhe prepara uma comida, Tio Terêz lhe dá a cabacinha formosa... (ROSA, 2001, p. 107). Deixar-se cuidar também tem um sentido ético em dar essa oportunidade ao outro de se constituir como expressão ética, existente portador de virtudes e valores ontologicamente vividos.

3. Do conto à vida do leitor

Por último, insta registrar que o relato de Guimarães Rosa também produz um grande efeito na vida do leitor, transportando-o para dentro do texto e ativando sua imaginação como força propulsora do sentido ético de sua existência. A ligação entre vida (ética) do leitor e texto literário se dá mediada pela Poética, ciência da leitura que tem como um dos escopos relacionar existência e eticidade por meio da imaginação.

É a isso que se refere Ricoeur (1992, p. 30) quando enuncia o caráter produtivo da poética, notadamente de invenção e criação de sentido intra e extra-linguagem, como se explicitará em seguida.

A poética, como o sugere a raiz grega do termo (poiésis = fabricação de alguma coisa distinta de seu autor), prende-se ao *caráter produtiva* de

certas modalidades de discurso, sem se preocupar com a diferença entre a prosa e a poesia (versificada, rimada ou ritmada) (grifo nosso).

A linguagem poética, carregada de símbolos, metáforas, mitos e narrativas, mostra-se, assim, como a linguagem originária do Ser, pois aquilo que se dá nunca pode ser esgotado nesse evento. Nesse caso, a ciência Poética, justamente, não tem a pretensão de exaurir o Ser, mas considera as múltiplas formas de expressão em que o Ser se diz (arte, técnica, religiosa, científica) na anfibologia entre o Dizer e o Dito. De fato, a ética, como sendo da ordem da existência e da linguagem do Ser, já é por si só uma arte, motivo pelo qual só a poética pode exprimir originariamente o Ser.

Essa linguagem se fixa nos ditos (textos, documentos etc.), mas não permanece aí estagnada: a cada nova leitura, se atualiza na vida do leitor (porque o interpela a colocar-se em imaginação e simpatia com o personagem da narrativa), criando-lhe um mundo de possibilidades para sua ação. É por isso que a ciência Poética tem como objeto o ato (ação) de leitura de um texto (existencial) e, não, simplesmente esse texto “frio”, estéril, objetivado, coisificado.

Contudo, esse efeito na vida do leitor só ocorre porque o texto, antes de chegar a nível da consciência racional do sujeito-leitor e afetar em sua vontade (moral), atinge primeiro sua imaginação, na medida em que suscita simpatia (do grego *syn-*, “junto”, e *pathos*, “paixão”, “sentimento”) entre leitor e personagem. Há, pois, nas filosofias de Heidegger e Ricoeur, uma anterioridade da sensibilidade, do corpo e do “mundo da vida” com relação à consciência.

Sobre a importância ética do ato de imaginar, Paul Ricoeur (1989, p. 223) diria que não existe ação sem imaginação. Na verdade, ela é como que uma “clareia luminosa”:

É a imaginação que fornece o meio, a clareira luminosa, onde podem comparar-se, medir-se, motivos tão heterogêneos, como desejos e exigências éticas, elas próprias tão diversas, como regras profissionais, costumes sociais ou valores fortemente pessoais. [...] Finalmente, é no imaginário que eu experimento o meu poder de fazer, que eu tomo a medida do “eu posso” (RICOEUR, 1989, p. 224).

No relato de Guimarães Rosa, vê-se que a simpatia criada entre Miguilim e o leitor faz transportar a história do personagem para a própria existência do leitor. Em suma, ativa sua imaginação, sua própria condição humana se suspende, reverbera-lhe recordações adormecidas, ganha um distanciamento da realidade, uma abstração criativa,

pelo que, depois de fecundada sua imaginação com novas (infinitas!) possibilidades, o leitor é devolvido à realidade factual com inéditas ideias à ação, à vida, à sua conduta.

Sobre essa faculdade de “suspensão” das referências do mundo que a trama, por meio da imaginação, provoca na vida do leitor, o filósofo Paul Ricoeur (1996, p. 219 e 221) arremata:

O último papel da imagem não é apenas difundir o sentido nos diversos campos sensoriais, mas suspender a significação na atmosfera neutralizada, no elemento da ficção. [...] A característica comum ao modelo e à ficção é a sua força heurística, quer dizer, a sua capacidade de abrir e de desenvolver novas dimensões da realidade, graças à suspensão da nossa fé numa descrição anterior.

Ricoeur chama, assim, de inovação semântica e heurística o ganho de sentido que a linguagem poética aporta intra e extra-linguagem. Semântica, porque provoca uma redescoberta do sentido do próprio texto, visualizando-se uma expansão da linguagem. Heurística, pois opera invenção de significado para fora dos âmbitos restritos da linguagem, ou seja, no próprio existir do leitor, com novas referências em relação a si mesmo, aos outros e ao mundo. Confira palavras do próprio Ricoeur (1992, p. 30-31):

Para designar o primeiro aspecto [produção de sentido dentro da linguagem], falaremos de *inovação semântica* (tendo o adjetivo ‘semântica’ a mesma extensão que o substantivo ‘sentido’); para o segundo [descoberta de traço ‘inéditos’ da realidade], falaremos de função *heurística* (cobrindo o adjetivo ‘heurística’ a mesma área que os substantivos ‘invenção’ ou ‘descoberta’, a respeito dos quais mostraremos que se tornam indistintos na ordem simbólica) (grifo do autor).

De fato, esses dois movimentos concretizam-se ao ler o conto de Guimarães Rosa. O ato expressivo de colocar os óculos de Miguilim provoca, profundamente, a imaginação do leitor. Esse se vê transportado para o Mutúm, contemplando os objetos, pessoas e animais descritos, mas também “forjando” outros que a situação sugere possa estar presente. Não só ao Mutúm o leitor é convidado, mas às suas próprias lembranças, memórias de encontros em que também tudo é claridade, novo, lindo e diferente, e onde, assim como Miguilim, também se custa a acreditar, se tonteia, o coração se bate descompassado...

O momento de despedida de Miguilim “toca” o leitor, irrigando seus campos sensoriais e suas lembranças afetivas, pelo que é capaz de sentir também tristeza, lembrar

das palavras de seu pai, reconhecer que o Mutúm era bonito, olhar para todos com bastante força e tirar lágrimas até de um Doutor (ROSA, 2001, p. 108).

Considerações finais

O personagem Miguilim constitui-se como um *alter ego* para o leitor (RICOEUR, 1996, p. 226). A existência fictícia do protagonista ativa a existência real daquele que o está lendo. Este último é convidado a mergulhar no Ser, pois sabe que a condição humana não é um dado acabado, (pré)determinada por valores concebidos de antemão, mas um jogar-se que implica cuidado e responsabilidade com esta mesma morada: ética originária.

O “colocar os óculos” de Miguilim cria um novo mundo de possibilidades à ação, não só para o personagem, mas para o próprio leitor que se deixa indagar pelo texto. Este é interpelado, pela imaginação, a refletir seu mundo, sua existência, sua ação, sua atitude ética. Na verdade, a imaginação propaga-se em todas as direções, reanimando experiências adormecidas, despertando recordações anteriores, fecundando os campos sensoriais subjacentes.

O texto provoca uma ressonância no leitor e o conduz não somente a um mundo ficcional do sertão mineiro (inovação semântica), mas também a novas referências e significações histórico-culturais e uma nova compreensão dos outros e de si mesmo (inovação heurística). Seu desejo é, assim, finalmente estimulado pelo “mundo da vida”, vendo-se um novo homem capaz de (re)criar: a si próprio, os outros e o mundo.

Referências

- HEIDEGGER, M. *Sobre o Humanismo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
_____. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 2012.
RICOEUR, P. *Do texto à ação: ensaios de hermenêutica II*. Porto: Rés-Editora, 1989
_____. Poética e Simbólica. In: LAURET, B.; REFOULÉ, F. (Org.). *Iniciação à prática da teologia*. Tomo I. São Paulo: Loyola, 1992. p. 29-48
_____. Abordagens da Pessoa. In: RICOEUR, P. *Leituras 2: A região dos filósofos*. São Paulo: Loyola, 1996. p. 163-180.
ROSA, J. G. *Manuelzão e Miguilim*. São Paulo: Nova Fronteira, 2001.

*Recebido em: 03/08/2020
Aprovado em: 16/10/2020*